

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

25

CH
CENTRO DE HISTÓRIA



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

finalmente o estudo dos frescos de Tell El Dab'a/Aváris, novamente com o contexto arqueológico do local que, desde a sua origem, se revestiu de grande importância devido à estratégica localização geográfica, quer ao nível militar quer para o comércio, com a A. a apresentar a história de Aváris, da descoberta das pinturas e das estruturas arquitectónicas dos palácios de Tutmósis. Há que não esquecer que, após a expulsão dos Hicsos, a cidade manteve a sua importância. Vivas Sainz dá especial relevo às questões técnicas que rodeiam as pinturas, à sua adaptação aos materiais e à temperatura ambiente do país, aos pigmentos, às convenções artísticas empregadas, às técnicas usadas durante a Idade do Bronze, como o *buon fresco*, ou *fresco secco*, utilizados neste conjunto que, de acordo com os estudos preliminares, cada vez mais se revelam fundamentais para determinar a origem dos artistas que as criaram e para a sua interpretação. Descobertos em 1991, os frescos de Aváris, que se destacam pelo estilo, temas, técnicas de estilo minóico, qualidade técnica e originalidade, promoveram uma reavaliação dos contactos entre as duas regiões do Mediterrâneo e das fontes disponíveis. Eles ilustram cenas de caça com grifos, grandes felinos e cães. Mas foram as taurocatapsias ou salto sobre o touro que colocaram Aváris no mapa da pintura minóica. Quer os touros quer os acrobatas (assim como os penteados, vestuário e calçado) que os acompanham estão representados à maneira minóica, apesar de as poses de ambos serem invulgares.

Por fim, os três últimos capítulos, *Conclusiones*, *Anexo: Ilustraciones*, *Indice de Figuras y de Ilustraciones* e *Bibliografía* encerram a apresentação da pesquisa. Se, por um lado, aplaudimos a publicação da obra na língua original, o castelhano, a tradução para o inglês deveria ser ponderada, de modo a disponibilizar a um público ainda mais abrangente esta bem conseguida síntese de um tema complexo, sempre em constante actualização.

Nídia Catorze Santos

Universidade de Lisboa, Centro de História

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES (2015), *Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto*. Lisboa, Chiado Editora, pp. 457. ISBN 978-989-51-3835-7 (17€).

A obra que aqui é objecto de recensão, *Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto*, da autoria de José das Candeias Sales, faz parte da colecção *Compendium*, da Chiado Editora. As várias partes que compõem este estudo foram, na sua maioria, já previamente publicadas em outras revistas, designadamente a *Cadmo* e os *Estudos Orientais*, ou apresentadas em conferências nacionais e internacionais. No início de cada capítulo, o autor faz questão de referir o local onde foi publicado, bem como as alterações que foram

feitas em cada estudo. Na edição a que esta recensão se refere, destacamos a adição de imagens, bibliografia e reformulações aos textos originais.

Na primeira parte da obra, intitulada «Legitimação política e ideológica no Antigo Egipto – discurso e práticas», o autor observa logo nas primeiras páginas a forma como o Egipto interpretava e teorizava a ideia de «Tempo». Para o efeito, utiliza-se, logo no princípio do capítulo, um excerto das *Confissões* de Santo Agostinho (séc. IV d.C.), obra em que o Padre da Igreja teoriza sobre a questão. Depois, o autor remete para a discussão de «A arquitectura temporal egípcia», destacando três tipos distintos de percepção temporal, para os Egípcios: a concepção cíclica, a concepção linear e a concepção imóvel ou estacionária. São apontados vários exemplos para ilustrar cada uma destas categorias: as várias estações do ano (*Akhet*, *Peret* e *Chemu*) como uma concepção temporal cíclica; o «Tempo» linear aplicado ao período de vida de um indivíduo; ou ainda a percepção de um tempo mais ampliado (imóvel ou estacionário), de que são reflexo as mastabas e templos funerários.

Os três restantes capítulos são dedicados a questões de política, propaganda, legitimação do poder e ideologia. Todos estes assuntos apresentam uma interligação entre si, fazendo com que as partes fluam confortavelmente ao longo de um texto longo, de cento e cinquenta e seis páginas. José das Candeias Sales refere-se à legitimação dos poderes faraónicos, apresentando um esquema particularmente útil (p. 51), em que mostra as várias formas que a legitimação política podia assumir no Egipto. Segue-se uma observação relativa a um período do Antigo Egipto: o reinado de Hatchepsut, a rainha que precedeu Tutmés III, durante a XVIII dinastia, no Império Novo. Sabemos hoje que esta rainha teve um reinado notável, embora, depois do seu desaparecimento, tenha havido uma tentativa de apagamento desta monarca da memória colectiva dos Egípcios. Por fim, nesta primeira parte, é ainda observado o tema da maternidade nas Duas Terras, incluindo-se questões ideológicas relacionadas com esta mesma temática, sendo de destacar a conhecida iconografia da deusa Ísis a amamentar Hórus, divindade à qual os faraós se associam.

«Encontros e desencontros culturais em território egípcio» é o nome dado à II parte do livro. Aqui, o foco incide sobre a civilização helenística no Antigo Egipto, tema em que, de resto, o autor é especialista. Como introdução ao que será desenvolvido ao longo desta secção, José das Candeias Sales começa por mencionar: «Ao contrário do que geralmente se admite, o Egipto foi, ao longo de toda a sua história, uma plataforma de encontro de civilizações e não esteve imune a trocas e intercâmbios culturais, económicos, técnicos, tecnológicos, linguísticos, etc., daí resultantes». Embora o A. se refira, amplamente, a todas as épocas do Antigo Egipto, estas questões são o prelúdio para a infiltração do helenismo, de uma forma mais concreta,

o que se verificou ali a partir da expulsão dos Aqueménidas por Alexandre III da Macedónia.

No segundo capítulo, o autor destina a sua análise à arte helenística, havendo que destacar aí as duas tradições convergentes, e por vezes divergentes, desta época da arte mediterrânea: uma linha de continuidade, de tipologia arcaizante, e, por outro lado, uma linha de inovação, receptiva a novos estímulos. Esta arte buscará, naturalmente, muito da sua base cultural à Grécia Clássica. Ainda neste capítulo, é referida a arquitectura religiosa, funerária e civil da época helenística, entre outros aspectos artísticos característicos desta fase.

De seguida, é tratado Alexandre Magno e a sua condição de líder político e militar. Aqui, o investigador enumera as seguintes fontes como importantes documentos para o estudo deste monarca: a *Vida de Alexandre* de Plutarco, a *História de Alexandre* de Arriano, as *Efemérides Reais* de Êumenes de Cardia e de Diódoto de Eritras, o relato de Clitarco intitulado *Sobre Alexandre*, a *História de Alexandre Magno da Macedónia* de Quinto Cúrcio Rufo, entre outras. Segue-se o tratamento de vários momentos da vida de Alexandre III, desde as suas alegadas origens divinas, o nascimento, a domesticação de Bucéfalo, o cavalo do general, a educação recebida por parte de Aristóteles, a ida ao oráculo de Delfos, o «depois» da batalha de Granico e a fonte de Xanto, o corte do nó Górdio, a visita ao oráculo de Amon, em Sívá, e a fundação de Alexandria. Esta cidade, por sua vez, possui um capítulo intitulado «A condição multicultural da antiga cidade de Alexandria nos autores antigos».

A obra acaba com um capítulo sobre Eça de Queiroz e o seu livro publicado em 1887, *A Relíquia*. Verifica-se um bom enquadramento histórico desta obra e sobre o Próximo/Médio Oriente em geral, numa época em que o Egipto era, e ainda é, um fenómeno que desperta interesse em muitas pessoas.

Feita uma breve passagem pelas duas partes do livro de José das Candeias Sales, é de realçar a muito útil e extensa lista bibliográfica que surge depois de cada capítulo e que expande largamente o espectro informativo da obra. Além desta bibliografia, é importante mencionar o profícuo índice remissivo analítico.

Dentro de um livro com qualidade elevada, como é o caso, o grafismo é, realmente, um ponto menos positivo, e que julgamos ser alheio ao autor. De uma forma geral, as imagens apresentam uma fraca resolução, em especial as que são impressas a cores. Por outro lado, os signos hieroglíficos que vão polvilhando o texto, essencialmente na primeira parte, estão, geralmente, bastante legíveis.

Políticas(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto é um livro de enorme valor científico, que José das Candeias Sales traz para a Egiptologia. A obra contribui de uma forma significativa para o conhecimento do modelo político das Duas Terras e da sua evolução, bem como para o estudo da aplicação do

poder faraónico num contexto em que permaneceu (com algumas interrupções) cerca de três mil anos, acabando por se desvanecer com a anexação romana. É importante referir, ainda, que esta obra continua um louvável processo de publicações nacionais sobre o Antigo Egipto. Em suma, o rigor e o método observado neste livro tornam a sua leitura imprescindível, sobretudo para aqueles que, como nós, se interessam e entusiasmam com este tipo de ensaios sobre os temas da política, ideologia, cultura e propaganda do Egipto faraónico, mormente os que se dedicam ao período dos Ptolomeus.

Eduardo Ferreira

Universidade de Lisboa, Centro de História

FERNANDO FERNÁNDEZ PALACIOS (2014), *Assurbanipal, un rey asirio ilustrado*. Cuenca, Editorial Alderabán, 184 pp. ISBN 9-788495-414564 (20.00€).

O Autor do volume que aqui recenseamos é doutorado em Geografia e História pela Universidade Complutense de Madrid, na especialidade de História Antiga, tendo já publicado diversos textos sobre a realeza do Império Neo-assírio, entre outros temas. A presente monografia é dedicada a um dos mais famosos reis assírios, o requintado e cruel Assurbanípal, que reinou entre 668-630 a. C.

Aos agradecimentos (p. 11) segue-se um breve prólogo (pp. 13-15) da autoria de Federico Lara Peinado, professor catedrático da Universidade Complutense de Madrid e conhecido especialista na fulcral matéria aqui tratada, sobre um monarca e um povo da Antiguidade pré-clássica, «considerado de mala reputación – a la vista de la Biblia y de no pocos de sus magníficos e inquietantes relieves – pero en cualquier caso de compleja historia, todavia no desvelada en su totalidad».

Na introdução (pp. 17-23) o Autor enumera as várias obras dedicadas ao assunto por ele estudado, algumas das quais serviram de base para o seu texto, desde as fontes mais antigas, como Heródoto (apesar de o texto do escritor grego estar pejado de erros), Beroso (sacerdote babilónio do século III a. C.), e as próprias fontes assírias, apesar de também não oferecerem crédito em muitos passos, a começar pelos chamados «Anais de Assurbanípal», os quais «producen más confusión que claridad».

O capítulo I apresenta «El marco geográfico, humano y histórico» (pp. 25-30), e aqui o leitor fica a conhecer o essencial da geografia da região do Alto Tigre e as zonas envolventes que então faziam parte do vasto Império Neo-assírio, remontando a tempos mais antigos quando a região era conhecida como Subartu. Um aspeto que irá moldar a formação da Assíria e até a mentalidade do seu povo é a ausência de fronteiras naturais, facilitando a